

Dalva Maria da Mota
*Socióloga Rural, M.Sc., Pesquisadora da Embrapa Tabuleiros
Costeiros. E-mail: dalvamot@elogica.com.br.*

Raízes
Vol. 21, Nº 01, jan.-jun./2002
A r t i g o

RUA – VITRINE DOS DESEMPREGADOS: TRABALHADORES TEMPORÁRIOS NA FRUTICULTURA IRRIGADA NORDESTINA¹

RESUMO

O artigo analisa a sociabilidade dos trabalhadores temporários da agricultura irrigada moderna, a partir do referencial teórico de Simmel e de autores brasileiros. Conclui que a intensificação da precarização das relações de trabalho na agricultura tem transformado a relação dos trabalhadores com a rua e com trabalho, conformando novas sociabilidades, mas preservando certas características que marcam o jeito de ser e de viver dos habitantes do denominado mundo rural.

Palavras-chave: trabalho temporário, fruticultura irrigada, Platô de Neópolis, Sergipe.

ABSTRACT

This article analyzes the sociability of temporary workers in the modern irrigated agriculture starting from Simmel's theoretical references and Brazilian authors. It concludes that intensification of precarization in labor relations has transformed the worker's relationship with street and labor. In a sense, designing new sociabilities and preserving some characteristics assumed by the way of life of the inhabitants of the so called rural world.

Key-words: temporary work(ers), irrigated fruit cropping, Neopolis Plateau, Sergipe.

INTRODUÇÃO

A idéia de pensar a sociabilidade dos trabalhadores temporários² da agricultura moderna foi provocada pelos sucessivos encontros e desencontros com esses atores na região do Baixo São Francisco Sergipano, por ocasião da realização de uma pesquisa sobre o número de empregos gerados no Projeto de Irrigação Empresarial Platô de Neópolis, no ano de 1998.

Habituada ao trabalho com agricultores familiares, que administram o seu tempo e que, por isso mesmo, estão presentes em suas roças ou casas durante todo o dia, qual não foi o desafio ao (não) me encontrar com trabalhadores que estão enclausurados nos lotes irrigados ou perambulando em busca de ocupação e que raramente estão em suas casas! A rua, as estradas, os bares, as calçadas e os lugares de trabalho são locais de permanências e de idas e vindas diárias desses trabalhadores. São lugares de es-

pera, mas também de conversa, de circulação de informações que exprimem preferências, gostos, paixões, opiniões (Baechler, 1995: 65).

Ora, a dificuldade do encontro era o prenúncio de mudanças mais profundas, que alteraram uma ordem social constituída no interior das grandes propriedades pecuaristas e rizicultoras até os anos 70, desintegrando formas tradicionais de autoridade e instalando estruturas produtivas (cana-de-açúcar, até o final dos anos 80, substituída pela fruticultura irrigada, nos anos 90) que enfraqueceram os laços sociais atados em torno da relação com a terra e provocaram o surgimento de novas identidades individuais e coletivas, organizadas fora e dentro do mundo do trabalho assalariado.

As novas identidades são apenas um dos sintomas das mudanças que atingem as dinâmicas regiões frutícolas irrigadas, vinculadas aos mercados globais de frutas frescas e caracterizadas pelas relações de trabalho engendradas,

¹ Artigo elaborado como parte da tese de doutorado sobre trabalho e sociabilidade na fruticultura irrigada do Nordeste no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE.

² Trabalhadores sujeitos a relações de trabalho firmadas através de um acordo verbal ou de um contrato com prazo determinado, sem direitos trabalhistas. É sinônimo de sazonal, transitório, flexível, volante, diarista. A adoção do termo temporário, neste trabalho, pautou-se na predominância do mesmo na literatura latino-americana de estudos do trabalho, a exemplo de Falabella (1999); Ortiz (1999); Aparício et al. (1999) e Pialoux et al. (1997).

pelas trajetórias dos que para lá acorreram (Cavalcanti, 1999: 127) e pelos impactos na estruturação da vida social local. Se as mudanças são perceptíveis a olho nu, a esse foco não se limitaram, e invadiram também os “modos de ser e de viver” (D’Incao, 1992: 95) dos que ali estão, (re)criando sociabilidades. Como interpretá-las, à luz de teorias que afirmam que “a cidade é o local onde tipicamente se realiza a sociabilidade moderna”, mesmo reconhecendo que “o campo mantém sua relevância como espaço social específico onde tipos distintos de sociabilidade se constituem” (Domingues, 1999: 21)?

A inspiração para o reconhecimento da sociabilidade moderna, enquanto um fenômeno tipicamente urbano, ganhou impulso com Simmel (1967), que, em seu estudo sobre “A metrópole e a vida mental”, constrói uma oposição entre a vida urbana e a vida rural, argumentando que o conflito central da modernidade se observa no espaço urbano, onde o indivíduo se debate entre a preservação da sua autonomia e individualidade e as esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida (Simmel, 1967: 13). O cenário que conduziu a elaboração desta tese é Berlim, no início do século XX, em um contexto de diferenças marcantes entre os universos rural e urbano, delimitados espacial, social e economicamente.

Nas últimas décadas do século XX, e no alvorecer do XXI, no entanto, a racionalidade³ da vida moderna é um fenômeno que desconsidera fronteiras geográficas e a agricultura se depura enquanto lugar de investimentos, desempenhando novos papéis em atendimento às exigências da produção de produtos de massa (grãos, frutas, mandioca, etc.), mas também de produtos especializados (frutas exóticas, flores, produtos orgânicos, etc.) para consumidores preocupados com a estética, a forma física e com o consumo de alimentos saudáveis e naturais. Apesar do “novo” papel da agricultura, o espaço rural, por assim dizer, é lugar também de outras atividades econômicas, ou seja, lugar de economia monetária, distanciando-se cada vez mais do modelo analisado por Simmel, que o considerava enquanto espaço de frágil comércio (Simmel, 1967: 15).

A constatação acima, no entanto, não implica no desconhecimento das diferentes formas de produção engendradas na agricultura (empresarial, familiar, parceria, por exemplo), mas afirma a coexistência das mesmas e das suas interconexões com os diferentes mercados, em um cenário mundial que congrega produção, abastecimento, manufatura, comercialização e consumo final dos alimentos, denominada como o terceiro regime⁴ (Marsden, 1999: 29).

A partir desta compreensão, mas abordando um universo empírico particular, faço a conexão entre o global e o local pelas exigentes demandas externas a que essas formas de produção estão sujeitas, em processos que se estruturam baseados na utilização de estratégias e mão-de-obra locais. Parto do pressuposto de que a análise da sociabilidade dos trabalhadores temporários trará uma espécie de síntese das influências recíprocas entre estas esferas (global/local), tanto por estes trabalhadores estarem inseridos em diferentes formas de produção, que atendem interesses externos, como por serem originários da agricultura familiar, viverem nos povoados locais e reconstituírem muitas características da dita sociabilidade “camponesa” nos processos que se instituem na agricultura irrigada moderna.

Neste artigo, proponho um percurso de reflexão que se inicia pela análise do conceito de sociabilidade, passando pelas evidências empíricas do estudo de caso a partir de dois enfoques: 1) As relações que se estabelecem na rua, enquanto espaço de encontro dos que buscam trabalho e lazer; 2) As relações engendradas nos lugares de trabalho, seja nos processos de produção, seja nos deslocamentos.

1. SOCIABILIDADE, SOCIABILIDADES

Há um consenso na literatura de que foi Georg Simmel (1858-1918) quem estudou com maior profundidade o fenômeno da sociabilidade na era moderna. Em “A sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura e formal” (1983), a sociabilidade está analisada e definida, enquanto categoria sociológica, como “a forma lúdica de socia-

³ Utilizada aqui no sentido weberiano, como toda ação que se baseia no cálculo, na adequação de meios a fins, procurando obter com um mínimo de dispêndios um máximo de efeitos desejados, reduzindo-se todos os efeitos colaterais indesejados (Freitag, 1986).

⁴ “Construído sobre os mais diversos mercados, orientados pelo consumo, nichos de consumo, arranjos reconstituídos de classe/consumo, com menos ênfase sobre a manufatura alimentar e mais sobre a corporação varejista, acentua as desigualdades e espaços locais e regionais de desenvolvimento, de dominação e dependência. Isto não está, de modo algum, temporalmente separado do modelo mais industrializado. Pelo contrário, eles parecem se desenvolver conjuntamente” (Marsden, 1999: 33).

ção”⁵. “Sua relação com a socição concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade” (Simmel, 1983: 169) e mostra em um objeto concreto o mais bonito que o olhar do artista consegue focar, mesmo que, na realidade, não seja propriamente bonito o conteúdo expresso na obra artisticamente produzida. A analogia utilizada pressupõe que, nos processos de interação cotidianos, é o prazer da reunião que comanda; o que importa é que os indivíduos tenham a sensação de que interagem e cada indivíduo está imbuído de ter a satisfação equivalente à que proporciona aos outros. Por isso, é uma forma de existência social liberada de todo conteúdo com os laços sociais, livre das motivações individuais, as quais não devem ficar em evidência.

Para isso, os atributos objetivos (riqueza, posição social, cultura, fama, etc.) e subjetivos (caráter, disposição, humores, etc.) dos indivíduos são eliminados como fatores de sociabilidade. As qualidades pessoais do fino trato (amabilidade, gentileza, atenção, dentre outras) são ressaltadas, sem permitir uma exposição demasiada da sua própria personalidade, “aqueles traços mais genuína e profundamente pessoais da vida de alguém, o caráter, a disposição e o destino, devem igualmente ser eliminados como fatores de sociabilidade” (Simmel, 1983: 170). Segundo o autor, tanto diante do despojamento do inteiramente pessoal, quanto do inteiramente objetivo, a sociabilidade entre indivíduos de classes sociais muito diferentes é problemática, mesmo que se reconheça que a sociabilidade é um jogo de “faz de conta” de que todos são iguais.

É precisamente essa condição de interação que, segundo Simmel, representa a melhor solução de um dos maiores problemas da sociedade: a mensuração do peso e da importância daquilo que, na vida total do indivíduo, é dele propriamente e o que é proveniente da sua esfera social.

No pensamento de Simmel, em socição, enquanto forma lúdica, os indivíduos se sociabilizam pelo prazer de reunir, sem propósitos definidos ou interesses, sem conteúdo que não o sucesso do momento. Talvez por isso o fenômeno mais típico da sociabilidade seja a conversação, legítima em si mesma, forma das mais puras de reciprocidade:

Isto não implica que o conteúdo de uma conversação seja indiferente. Ao contrário, deve ser interessante, atraente e mesmo importante. Mas

não pode se transformar no propósito da conversação, que nunca deve estar atrás de um resultado objetivo; este possui uma vida independente, fora, por assim dizer, da conversação (Simmel, 1983: 176).

Não passou despercebida a Simmel, a importância dos limiares da sociabilidade, que põem em risco a sua própria essência. Segundo a sua abordagem,

Pode-se também falar dos ‘limiares da sociabilidade’ superiores e inferiores dos indivíduos. Esses limiares são transpostos quando os indivíduos interagem motivados por propósitos e conteúdos objetivos e quando seus aspectos subjetivos e inteiramente pessoais se fazem sentir. Em ambos os casos, a sociabilidade deixa de ser o princípio formativo e central de suas socições e se torna, no melhor dos casos, uma conexão formalista e superficialmente mediadora (Simmel, 1983: 171).

As análises mais recentes sobre a sociabilidade na realidade brasileira são ilustrativas dos limiares da sociabilidade. Sorj (2000) e Domingues (1999), por exemplo, abordam como elemento constitutivo das interações na sociedade nacional. No entanto, não supõem a existência de uma sociabilidade única, mas de sociabilidades, que só genericamente podem ser subsumidas em um tipo comum. Para isso, procuram traçar o perfil do que é a sociabilidade brasileira em face do reconhecimento do sujeito individual e das suas relações com a sociedade. D’Incao (1992) discute as sociabilidades ampla e restrita em uma grande capital brasileira, opondo a casa e a rua à segregação das convivências, conseqüentemente das classes sociais. Setton (1996) discute a sociabilidade nos Clubes Rotary como clubes de capital social e simbólico, cujo associativismo serve como instrumento de distinção, de aproximação e separação social. Frehse (1996) trata sobre a dinâmica das sociabilidades desencadeadas a partir de uma seção de classificados em um jornal de circulação nacional, recompondo sociabilidades, mediadas pela mídia, de um determinado estrato social.

Os diferentes olhares e enfoques sobre a sociabilidade trazem em comum dois aspectos. O primeiro é que o cerne da sociabilidade é o “tipo de atitude manifestada pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais” (Domingues, 1999: 21). Atitude aqui é considerada no sentido genérico, tanto “lúdica”, como propugnada por Simmel (1983: 169), quanto não lúdica. Ora, nes-

⁵ Traduzida por outros autores, como por exemplo, Baechler (1995: 95) como socialização. Adotamos socição, definida a partir do próprio Simmel, como a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. A socialização implicaria na aprendizagem de padrões cognitivos, expressivos, morais e afetivos (Domingues, 1999: 27).

tes termos, entendo que a ampliação da noção da atitude do indivíduo na interação, conforme definida por Domingues (op. cit.), abrange, inclusive, aquelas atitudes não tão gentis, como, por exemplo, uma discussão com um desconhecido no trânsito, no campo de futebol, nas filas, ou em um bar, todos exemplos por demais característicos da sociabilidade brasileira. Nessa última acepção, a sociabilidade é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras dos círculos de indivíduos que se conhecem, que se reúnem e que pertencem a um mesmo mundo social.

De uma forma e de outra, a escala de ocorrência dessa atitude vai de uma briga a um simples passeio na praça, ou da compra no supermercado, ocasiões em que os cumprimentos formais, gentis ou não, mediam a interação, até a constituição de associações ou grupos dos mais variados interesses. No entanto, o conteúdo em si da sociabilidade não é o objeto da sociabilidade, confirmando a noção Simmeliana, o seu objeto é o modo de ser mais ou menos sociável, tratável, de ter atrativos suficientes para entabular uma conversa pelo próprio prazer de interagir ou pelo motivo de uma disputa. Mas a interação compulsória também faz parte desse universo. Por outro lado, a escala de análise na literatura também corre a pólos extremos, valorizando atitudes que caracterizam sociedades, em um extremo, ou usuários de um classificado de jornais, em outro.

O segundo aspecto é que os espaços metropolitanos constituem-se no cenário preferencial das análises para todos os casos. Ilustrativo, neste caso, é o estudo recente de Peixoto (2000), sobre a sociabilidade dos idosos no Rio de Janeiro e em Paris. Mas, para além das análises da sociabilidade na realidade brasileira e metropolitana, Carneiro (1998) analisa a sociabilidade em uma aldeia francesa, através das associações, que promovem encontros variados para lazer ou discussão de interesses específicos. “Eles (os encontros) são um sinal de vida da aldeia” (Carneiro, 1998: 180). E a sociabilidade externa às associações, particularmente nos espaços rurais? Do ir e vir nas ruas de um povoado e no interior dos processos de trabalho agrícola? Parece-me que são temas raramente privilegiados nas

análises, dado o paradigma ainda predominante de que os espaços metropolitanos e industriais são os lugares preferenciais de análise da sociabilidade dos trabalhadores modernos.

2. A SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA MODERNA

No âmbito do debate sobre o sucesso das experiências da fruticultura irrigada nordestina, a precarização do mercado de trabalho em regiões tão ricas suscitou meu interesse e curiosidade, originando uma pesquisa sobre o número e os tipos de empregos gerados no Projeto de Irrigação Platô de Neópolis em Sergipe (Mota, 1998; 1999, 2000, 2001).

O universo de observações é uma região do Baixo São Francisco Sergipano, mais precisamente onde está localizado o Projeto de Irrigação Platô de Neópolis⁶ e um conjunto de sete povoados (Novo Horizonte, Saúde, Mundéu da Onça, Ladeirinhas, Tatu, Tenório, Pindoba e Novo Horizonte) e de quatro sedes municipais (Neópolis, Pacatuba, Japoatã e Santana do São Francisco), que têm na agricultura a principal base de sustentação econômica (arroz, pecuária e frutas).

Para efeito desta pesquisa, no entanto, me detive nos povoados Tatu e Tenório e na sede do município de Neópolis, lugares que concentram maior número de trabalhadores que trabalham no projeto de irrigação, em decorrência da proximidade ou da facilidade de transporte. Para ambos os casos, a análise deu-se a partir da complementaridade rua/trabalho, aqui separados apenas como recurso analítico.

O contato com essa população, no decorrer da pesquisa, me fez ver que as transformações locais sob os impactos da modernização, não se restringem às relações de trabalho, mas ao lugar de morar, ao jeito de viver e de se ver, traduzidos na definição de novos objetos de investigação, dessa vez, mais afeitos ao “tipo de atitude manifestada

⁶ O Platô de Neópolis se localiza à margem direita do rio São Francisco, em Sergipe. É resultado de uma intervenção seletiva do Estado para o estabelecimento de “ilhas” de modernização, via empreendimentos empresariais, sustentados no trabalho assalariado e em altos níveis tecnológicos, com possibilidade de vinculação aos mercados nacional e internacional. Tem um modelo que apresenta a inovação da parceria entre o Estado, através da Secretaria da Agricultura de Sergipe, e a iniciativa privada. Coube ao Estado o planejamento e a instalação da infra-estrutura de irrigação fora dos lotes, e aos empresários, os investimentos nas parcelas, a implementação da produção e da comercialização através de um condomínio denominado Associação dos Concessionários do Projeto Platô de Neópolis – ASCONDIR. O Projeto de Irrigação é formado por 38 lotes, cujos tamanhos variam de 20 a 600 hectares. Até dezembro/2001, 62% da área do projeto estava ocupada com 06 diferentes sistemas de produção de frutas, erguidos exclusivamente sob o trabalho assalariado.

pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais” (Domingues, 1999: 21). Os atores privilegiados na pesquisa foram trabalhadores temporários e permanentes de diferentes níveis hierárquicos do Projeto Platô de Neópolis. Com esses atores, foram realizadas 36 entrevistas semi-estruturadas sobre os seus perfis, histórias profissionais e o dia-a-dia do trabalho (critérios de recrutamento, equipes de pertencimento, etc.). No entanto, material elementar à constituição da análise foram as constantes buscas de trabalhadores a entrevistar, o que se constituiu como um verdadeiro jogo de “gato e rato”, não pela falta de interesse dos trabalhadores, mas pelas idas e vindas em busca de trabalho, as quais caracterizam o trabalhador temporário agrícola “moderno”.

De particular importância foram as observações realizadas através das permanências em pontos estratégicos de recrutamento de trabalhadores (bares, calçadas, porta do mercado público, etc.), onde as chegadas e saídas de cada um puderam ser observadas, apesar de reconhecer que a presença de uma pesquisadora impõe certa alteração na rotina destes encontros, particularmente no conteúdo das conversas, como exemplifico na última parte deste artigo.

Pesquisa bibliográfica-documental adicional foi feita para demarcar a história da agricultura local e articular as noções de passado e presente, tão vivas na memória dos trabalhadores: o passado, marcado pelo imbricamento de relações econômicas e afetivas no interior das grandes propriedades no sistema de morada (até os anos 70); o presente, tempo de assalariamento (inicialmente na cana-de-açúcar e, atualmente, na fruticultura irrigada) e residência nos povoados e/ou sedes municipais.

2.1. RUA: VITRINE DOS DESEMPREGADOS

A transformação dos agricultores em trabalhadores assalariados provocou profundas mudanças na reprodução social dos mesmos, pela desvinculação entre consumo e produção, entre lugar de trabalho e morada, bem como, pela perda da autonomia na organização de processos de produção, dentre outras conseqüências. Os lugares de morada têm novos significados, que repercutem na relação que os diferentes membros da família têm com a rua, agora também lugar de busca de trabalho.

Mas, o que vem a ser a rua para estes trabalhadores? Referência importante para discutir esta questão é

o estudo de DaMatta (1997) sobre *A casa e a rua*, mesmo que inspirado sobre as grandes metrópoles. Para o autor, a casa e a rua – são espaços sociais, sobre os quais é difícil pensar separadamente –, fortemente demarcados pelas atitudes, gestos, roupas, assuntos, dentre outros códigos. “Por tudo isso, não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo de conflito” (DaMatta, 1997: 50).

A rua é o lugar de individualização, de luta e de ma-landragem, lugar onde cada um toma conta da própria vida, terra pertencente ao governo ou ao povo e que está sempre repleta de fluidez e movimento (DaMatta, 1997: 55-57). Se a assertiva é válida para a análise da sociabilidade no contexto metropolitano, tem seus limites para o contexto rural, em que os trabalhadores pertencem a um delimitado sistema de relações pessoais a partir do qual todos se conhecem.

Assim, a rua tem também outros significados, relativos à casa, mas gerados em contextos diversificados daquele em que DaMatta se debruça. Em qualquer um destes contextos, rua é lugar de idas e vindas, espaço público de passagens e de permanências de pessoas que se conhecem ou não. Essas permanências, no entanto, são proporcionais ao quanto de segurança, tempo e tradição de socializar-se na rua as pessoas têm. Sentar na porta da casa para conversar é um evento raro em uma metrópole ou em um povoado da Europa (onde quase a totalidade das pessoas têm carro, trabalham em cidades vizinhas, e muitas vezes o clima frio não permite exposições), mas plenamente normal e seguro em Neópolis ou em seus povoados, espaços sociais em que o interconhecimento é a base das relações sociais.

Por outro lado, em um pequeno povoado, o interconhecimento freia os impulsos quanto ao “tomar conta da própria vida”. O controle social é mais intenso, em decorrência do menor grau de individualidade a que estes atores estão sujeitos.

A rua, no contexto estudado, é lugar de muitos “fazer” e se no passado recente deste grupo, foi lugar predominantemente de lazer e de resolução de problemas, no presente, as calçadas das casas⁷, os bares e os alpendres abrigam pessoas e grupos que se dedicam a conversas durante a confecção de artesanatos e exposição de produtos

⁷ Consideradas extensões da própria casa, do espaço privado e, por isso mesmo, construídas segundo a conveniência da família e não dos pedestres. É muito comum a irregularidade das mesmas e uma variedade enorme de tipos de pisos.

(utensílios de cerâmica, feijão e peixe)⁸. Mas a rua também tem outro tipo de freqüentador habitual: aqueles que se expõem na busca de trabalho e que tanto podem se inserir em um desses grupos, como podem dar voltas e passar sempre em pontos já reconhecidos como de busca de trabalhadores (a porta do mercado municipal, por exemplo). Nessa “vitrine” podem também encontrar uma proposta para fazer um “bico”, trabalho rápido. Durante a noite, as calçadas cedem lugar exclusivamente aos grupos que conversam, observam o movimento, ou que aproveitam para desfrutar um primeiro sono aliviado do calor diurno. Nestes contextos, os povoados, conseqüentemente as suas ruas, são espaços exclusivos da classe pobre dessa sociedade.

Idos os tempos de residência no interior das grandes propriedades, a população desses povoados aumentou. Aos moradores originários juntaram-se muitos dos seus descendentes, atraídos pela dinamização do mercado de trabalho local (com a instalação do projeto de irrigação), pelos menores preços de aluguéis ou pela facilidade de construção de uma pequena residência na periferia dos povoados. As possibilidades da pesca no rio São Francisco ou de manutenção de uma pequena roça têm se revelado como estratégias de sobrevivência que minimizam as dificuldades de reprodução social deste grupo, principalmente face à irregularidade de inserção no trabalho assalariado.

Contraopondo esses indicadores, retomo elementos da noção de sociabilidade de D’Incao (1992: 95) para compreensão das relações que se tecem neste contexto específico, qual seja, a redução da interação aos contatos intraclasses. Ou seja, a rua continua como lugar privilegiado de interação, mas interação segregada de atores submersos em uma condição de pobreza e pertencentes a uma mesma classe social.

A rotina dos trabalhadores sem ocupação permanente é marcada por caminhadas por pontos estratégicos do povoado ou do projeto de irrigação. No primeiro caso, sempre a pé, e, no segundo, algumas vezes de bicicleta, já que as distâncias são maiores. No caso de propostas para o dia seguinte ou não obtenção, o trabalhador sempre permanece um pouco nestes pontos estratégicos. Aí a conversa é o elemento que alimenta a interação de pequenos grupos. São abordados temas genéricos, como futebol, política nacional e local, música, acontecimentos locais, e também

as dificuldades pessoais, a espera de algo mais, como uma proposta de trabalho. Não há um tempo previsto para esse encontro, depende do quanto seja agradável a conversa, do número de pessoas ou da chegada de uma proposta.

Depois de algum tempo, o destino da casa é retomado, e também é comum sentar na porta para confecção de um aviamento de pesca ou de um utensílio de cerâmica ou palha. Mas este é também um tempo de espera, já que os recrutadores de trabalhadores costumam saber os lugares de residência destes. A volta pelas ruas é característica dos homens, enquanto as mulheres ficam na calçada da casa, onde se revezam entre o artesanato e a cozinha. Este revezamento não é por acaso, pois os atuais sistemas de produção no projeto de irrigação (predominantemente de culturas permanentes) têm demandado o trabalho das mulheres apenas para atividades ocasionais, como a adubação, diferentemente da cana-de-açúcar que as incorporava em diferentes etapas. Mas tem explicações também históricas, associadas a um passado em que as mulheres (que trabalhavam na cana-de-açúcar) eram recrutadas via redes de interconhecimento, que as buscavam nas casas. Nem no passado recente, nem no presente destas mulheres, a rua é lugar de busca de trabalho.

A preferência por trabalhadores homens pode ser analisada também como uma redução da pressão sobre as vagas, no domínio das estratégias de reprodução social deste grupo. A este tema me deterei mais detalhadamente em outro momento.

Pensando nestas relações de interação que se tecem nas ruas, a partir da sociabilidade, conforme discutida por Simmel (1987), o seu sentido amplia-se para além da exclusividade do sentido lúdico da socição, muito embora ele esteja presente e acentue o prazer de reunir. A necessidade de conseguir um trabalho e as dificuldades de manutenção do grupo familiar também se constituem temas de conversa. Isso não significa que o encontro será desagradável, pelo contrário, as pessoas buscam conversar temas atraentes, mas é um tipo de encontro que também ocorre porque as pessoas estão sem trabalho naquele momento e, conseqüentemente, enfrentando dificuldades financeiras e buscando solucioná-las.

Nesse contexto, o lugar de se reunir para o lazer são as visitas e festas familiares, os eventos comemorativos privados ou públicos, as conversas noturnas nas calçadas, os finais de semana nos bares da beira do rio e na praça.

⁸ Espalhados nas calçadas, mas com finalidades distintas. O artesanato é para venda e o feijão e o peixe são para “tomar sol”. Em ambos os casos, para desidratar.

2.2. TRABALHO: LUGAR DE MUITAS AMIZADES

Mesmo que exista a “vitrine dos desempregados”, o principal requisito à convocação de trabalhadores é via redes de interconhecimento, ou seja, nestes pontos-chave de recrutamento serão convocados aqueles trabalhadores que já são conhecidos previamente. Esta é uma estratégia que reforça o controle social da força-de-trabalho. Ninguém gostaria de indicar para trabalhar alguém que pusesse em risco a sua idoneidade. Isso significa indicar um tipo de trabalhador que, pelo modo de ser e de fazer, corresponde mais aos interesses dos empregadores. Essa prática intensifica a sociabilidade entre pessoas que carregam traços comuns e que estão valorizados nesse contexto. Por outro lado, laços de gratidão e de convívio vão ser atados com base na confiança.

Nessa dinâmica de inserção/exclusão no mercado de trabalho, a sociabilidade se intensifica naquele grupo de trabalhadores que tem origem local e que é proveniente da agricultura familiar, mas que não possui terra ou que preferiu o trabalho assalariado. É uma força-de-trabalho com maior domínio sobre o trabalho agrícola, em decorrência das experiências que acumulam no trabalho a céu aberto. Por outro lado, o campo de incertezas gerado pela vulnerabilidade social dos mesmos, pelo fato de não terem terra e também de não possuírem outra profissão que garanta ganhos regulares, estimula os trabalhadores a querer dispor de ocupação o maior tempo possível. Essa análise, no entanto, não é válida para os pluriativos, agricultores familiares que têm na propriedade da terra uma segurança de reprodução social e que só buscam outras atividades em momentos específicos.

Apesar da depuração da sociabilidade nesse grupo de pertencimento local, no dia-a-dia do trabalho, outras interações se dão, inclusive entre trabalhadores de origens diversas (originários da agricultura familiar ou não, nativos ou não). Pequenos grupos se formam para:

- perambular de lote em lote em busca de ocupação;
- fazer os percursos de idas e vindas para o trabalho;
- prestar ajuda mútua na realização de tarefas por produtividade.

A busca de lote em lote parece ser a forma menos usual de buscar uma ocupação, pois é sempre um risco. A saída, do povoado ou da casa, impede a fabricação de aviamentos de pesca ou artesanato, é desgastante fisicamente e também pode ser a perda da chance de ser convocado em pontos estratégicos. A decisão de tomar essa iniciativa se dá em períodos de pouca oferta de trabalho. Se um lote precisa de um ou dois trabalhadores não vale a pena des-

locar um veículo e um técnico para recrutá-lo. Normalmente, são usadas as redes de interconhecimento ou a contratação de alguém que passa, oferecendo o seu trabalho. Nesses casos, os trabalhadores se juntam em pequenos grupos (duas a três pessoas, no máximo) e partem cedo, com comida e roupa de trabalho, para arriscar. O critério para formação do pequeno grupo é a afinidade e uma certa ética em respeitar um revezamento. Ou seja, quem teve trabalho recentemente fica no último lugar na ordem de prioridade, no caso de uma oferta menor do que o número de componentes do grupo. Essa afinidade extrapola a esfera do trabalho e se firma também nos momentos de dificuldade e de lazer.

Os grupos de idas e vindas para o trabalho são formados por aqueles que têm um vínculo (temporário ou permanente). Os critérios de formação dos grupos são principalmente o lugar de trabalho e a afinidade. As distâncias são percorridas a pé, bicicleta ou em carros alugados, pagos quinzenalmente. Uma garrafa de café é companheira indispensável. Os percursos a pé ou os momentos de espera do carro são reconhecidos e valorizados como momentos de conversas leves, jogos e brincadeiras. Muitos dos pertencentes a esse grupo já se conheciam antes de trabalharem na mesma empresa, mas há sempre a inclusão de alguém que não era conhecido. Para a formação desse grupo o percurso tem que ser o mesmo, o que amplia o tempo de convivência e cria a condição para o grupo florescer dentre os que têm afinidade, definida como simpatia, compreensão e companheirismo.

O terceiro e último grupo, dentre os aqui identificados, é o de ajuda mútua para a realização de tarefas, de modo que não fique destacada a melhor performance de ninguém. Ao contrário, se evidencia a boa performance do grupo. A atitude deste grupo está muito vinculada ao de idas e vindas. Ora, se as tarefas, mesmo que determinadas individualmente, são finalizadas ao mesmo tempo, a hora de saída não fica prejudicada ou ninguém fica sujeito a se deslocar sozinho. Por outro lado, se a performance de um trabalhador não está boa, mas a do colega está, ele ajuda e outro dia será ajudado. São as ações de reciprocidade permeando os modos de ser e de viver. Logicamente que esse tipo de prática se dá apenas em condições nas quais as pessoas dispõem de tempo para estruturá-las.

Em todos os grupos, os trabalhadores que têm ocupação estão sujeitos crescentemente a um maior número de horas de trabalho e a grandes deslocamentos e, por isso mesmo, têm desenvolvido mais intensamente seus contatos com os outros nas idas e vindas e no próprio ambien-

te de trabalho. Resta pouco tempo para a rua, a não ser nos fins-de-semana. Isso redefine a relação casa/rua para essas pessoas; a rua é muito mais o lugar dos que não têm ocupação.

Nesta pesquisa, a noção de sociabilidade, enquanto aspecto lúdico da socição, conforme propugnada por Simmel (1983), é observada também nas interações que se constituem no trabalho. Diferentemente do observado por Cavalcanti (1999: 152) no Vale do São Francisco, onde o trabalho das mulheres é supervisionado, para que sejam impedidas as conversas paralelas, que poderiam interferir na qualidade dos produtos, no Platô de Neópolis há uma despreocupação quanto a este controle. As equipes de trabalho que se instituem têm base no interconhecimento e, por isso mesmo, congregam pessoas que já se conhecem e que se relacionam nos lugares de morada. Assim, os jogos, as brincadeiras e as piadas constituem parte desta convivência. Nas palavras de um trabalhador⁹:

Aqui é assim, um fala do outro, esculhamba o outro e tem que entrar no ritmo. Fala da mulher, da mãe, da namorada, fala de tudo e todo mundo sabe que nada é sério, só de brincadeira para o tempo passar mais rápido e ninguém ficar cansado (W. A. D. 28 anos, trabalhador rural).

CONCLUSÕES

Pensar na sociabilidade dos trabalhadores temporários da agricultura irrigada implica refletir sobre a precarização das condições de trabalho e nas suas conseqüências sobre as relações que estes trabalhadores tecem na rua e nos lugares de trabalho. No passado recente, a rua era lugar predominantemente de lazer e de resolução de problemas (venda e compra de produtos, por exemplo) para trabalhadores que dependiam de diferentes relações de trabalho (morada, arrendamento, parceria, dentre outros) no interior das grandes propriedades rizicultoras ou pecuaristas. Com a extinção destas relações, em decorrência da desapropriação das áreas para a construção de projetos de irrigação ou pela pressão da institucionalização dos direitos trabalhadores (Sigaud, 1979; Silva, 1999), verificou-se um processo de saída da força-de-trabalho das propriedades para as sedes municipais, povoados, ou capitais. Mesmo que inseridos em relações de trabalho permeadas pela

subordinação a um senhor proprietário, estes trabalhadores tinham acesso aos meios de produção, em muitos casos, passado de geração para geração. No presente, dependem da venda ocasional da força-de-trabalho. Não quero com isso valorizar as relações do passado, mas chamar a atenção para a intensificação da vulnerabilidade no presente, considerando que o acesso ao trabalho é descontínuo, novos itens de despesa passam a compor a pauta de reprodução destes trabalhadores e que a possibilidade de produzir parte do que consumo, não mais existe, pelo fato dos mesmos não terem acesso á terra.

No presente, a rua é lugar de morada, mas também de exibição dos que buscam ocupação, mesmo que o interconhecimento seja a base do recrutamento. A rua continua sendo associada ao lazer, pelos entrevistados, mas a descontinuidade das inserções profissionais tem limitado a disponibilidade de renda e, conseqüentemente, da busca do lazer que depende de algum dispêndio financeiro. Nestes termos, são mais freqüentemente buscadas as festas familiares ou gratuitas, como comícios políticos, jogos de futebol entre times locais e banhos de rio.

Para os que estão ocupados, o trabalho tem sido um importante espaço de interação, em decorrência das redes de interconhecimento que se estabelecem para indicação de trabalhadores que já partilham algum tipo de experiência (parentesco, compadrio, amizade, etc.). Assim, este espaço tem se evidenciado como lugar de conversas, jogos e brincadeiras descontraídas, predominantemente entre pessoas que já se conheciam nos povoados (64%). A inclusão de trabalhadores que não têm origem local, no entanto, não tem se revelado como um problema, pois 33% dos trabalhadores afirmam que fizeram amigos no trabalho. Assim, posso concluir que a sociabilidade no trabalho repousa sobre grupos constituídos.

Para concluir, afirmo que novas sociabilidades se formam no contexto de predominância das inserções descontínuas no trabalho, sem, no entanto, abandonarem características passadas, que marcam sobremaneira o jeito de ser dos habitantes do mundo rural, como, por exemplo, as redes de interconhecimento amparadas no parentesco, compadrio e amizade, e a ajuda mútua, aspectos que têm auxiliado estes trabalhadores a suportarem desemprego e a continuarem pertencendo a um importante sistema de relações pessoais.

⁹ Apesar da declaração, em nenhum momento de pesquisa algum tipo de observação foi feito quanto às mulheres. Resta o questionamento quanto à inibição causada pela presença de uma pesquisadora na área de produção, em que a presença dos homens é majoritária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APARICIO, Suzana; BENENCIA, Roberto. *Empleo rural en la Argentina. Viejos e nuevos actores sociales en el mercado de trabajo*. In S. Aparício; R. Benencia (orgs.). Empleo rural en tiempos de flexibilidad. Buenos Aires: 1999, p. 83-98.
- BAECHLER, Jean. *Grupos e sociabilidade*. In R. Boudon (org.). Tratado de sociologia. Rio de Janeiro: 1995, p. 65-106.
- CAVALCANTI, Josefa Salette Barbosa. *Globalização e processos sociais na fruticultura de exportação do Vale do São Francisco*. In J. S. B. Cavalcanti (org.). Globalização, trabalho, meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: 1999, p. 123-170.
- CARNEIRO, Maria José. *Camponeses, agricultores e pluriatividade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998, 228 p.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 163 p.
- D'INCAO, Maria Ângela. *Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana*. In Tempo Social, vol. 4, n° (1-2). São Paulo, 1992, p. 95-109.
- DOMINGUES, José Maurício. *Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, 159 p.
- FREHSE, Fraya. *“Classiline”: diversão ou solução?*. In ALASC, vol. 1, n° 1. São Paulo, 1996, p. 105-130.
- FALABELLA, Gonzalo. *Flexibilización e empleo rural en Chile*. In S. Aparício; R. Benencia (orgs.). Empleo rural en tiempos de flexibilidad. Buenos Aires: 1999, p. 83-98.
- FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986, 184 p.
- MARSDEN, Terry K. *Globalização e sustentabilidade: criando espaço para alimentos e natureza*. In J. S. B. Cavalcanti (org.). Globalização, trabalho, meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: 1999, p. 25-46.
- MOTA, Dalva Maria da. *O projeto de irrigação Platô de Neópolis e a geração de empregos: 1994/2000*. Relatório de Pesquisa. Aracaju: Embrapa-CPATC, 1998, mimeo. 25p.
- MOTA, Dalva Maria da. *O trabalho flexível na fruticultura irrigada do Nordeste: o Platô de Neópolis/SE*. In XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL – Anais, Foz do Iguaçu/PR, SOBER, 1999, CD-Room.
- MOTA, Dalva Maria da. *O trabalho temporário no projeto de irrigação Platô de Neópolis, SE*. In Cadernos de Ciência & Tecnologia, vol. 18, Brasília, 2001, p.113-134.
- ORTIZ, Sutti. *Los mercados laborales através del Continente Americano*. In S. Aparício; R. Benencia (orgs.). Empleo rural en tiempos de flexibilidad. Buenos Aires: 1999, p. 9-26.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000, 206 p.
- PIALOUX, M.; BEAUD, S. *Permanentes e temporários*. In P. Bordieu (org.). A Miséria do mundo. Petrópolis: 1997, p. 309-320.
- SETTON, Maria da Graça J. *A sociabilidade nos clubes Rotary*. In ALASC, vol. 1, n° 1. São Paulo, 1996, p. 131-145.
- SIGAUD, Lygia. *Os clandestinos e os direitos*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, 260p.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, 370p.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In VELLOSO, O. G. (org.), O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: 1967, p. 13-28.
- SIMMEL, Georg. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. In E. de M. Filho (org.). Simmel. Coleção os Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: 1983, p. 163-181.
- SORJ, Bernardo. *A nova sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, 166p.